



Presidência da República  
Casa Civil  
Secretaria de Administração  
Diretoria de Gestão de Pessoas  
Coordenação – Geral de Documentação e Informação  
Coordenação de Biblioteca



BIBLIOTECA DA  
PRESIDÊNCIA  
DA REPÚBLICA

CAMPINAS, SP, 22 DE NOVEMBRO DE 1997

*Senhor Governador de São Paulo, meu companheiro e amigo Mário Covas; Senhor Ministro de Ciência e Tecnologia, José Israel Vargas; Senhor Paulo Renato Souza, da Educação; Luís Carlos Bresser Pereira, da Administração; Senhores Parlamentares que aqui se encontram; Senhor Prefeito Francisco Amaral; Senhor Presidente do CNPq, Doutor Tundisi; Meu caro Diretor do Laboratório, Professor Cylon Gonçalves da Silva; Senhoras e Senhores,*

Hoje, só tenho uma palavra a dizer: admiração. Admiração, se me permitem, a começar por São Paulo. São Paulo tem conseguido ser o estado que catalisa o desenvolvimento tecnológico, as energias que se jogam para a produção, para o desenvolvimento social.

São Paulo produziu pessoas como o Governador Montoro, que aqui está, e tem sido o impulsionador de tudo isso. E um Governador como Mário Covas que, além de engenheiro – e eu tenho uma inveja imensa dos engenheiros –, hoje nos surpreendeu, citando aqui, à vontade, Francis Bacon, e fazendo uma explicação daquilo que é essencial. E disse que a hegemonia do futuro, mesmo que não seja hegemonia, a presença das sociedades nacionais, no futuro, vai estar ligada direta-

mente à sua capacidade de produção científica, tecnológica, de criatividade, no sentido amplo. E isso é o que nós estamos comemorando hoje, aqui, nesta manhã, em São Paulo.

Portanto, tenho que expressar minha admiração pelos dois Governadores aqui mencionados, mas também por Campinas. Menciono, aqui, a presença do nosso Prefeito Chico Amaral. Menciono a Universidade de Campinas, o professor Paulo Renato Souza, o nosso reitor atual e toda essa imensa comunidade, que representam, hoje, a continuidade de um espírito de desenvolvimento que tem sido tão forte no Brasil.

E minha admiração, sobretudo, por esse laboratório. Eu já disse aqui que tenho uma imensa inveja, quase – inveja é um pecado – dos que têm uma formação politécnica e dos que são capazes de penetrar na estrutura da matéria.

Recordo-me, ao ver ali o professor Salla, de antigos companheiros de universidade. E não é o único que está aqui, vejo o professor Pavan ali atrás. Recordo-me de outras épocas, em que eu era jovem assistente de uma quase-ciência, porque queria ser ciência, mas não era bem, era Sociologia.

Eu vivia na universidade – naquele tempo nós não tínhamos as separações que hoje há, e a Sociologia fazia parte das ciências – e tinha bastante contato com alguns desses professores. E eu morava na rua São Vicente de Paula, em Higienópolis, recém-casado, e lá morava um professor chamado Mário Schemberg.

E, quantas vezes, com o professor Israel Vargas, que, naquele tempo, era muito jovem, mais jovem até que eu, nós nos encontrávamos, com muita frequência, com o professor Schemberg, e eu não entendia nada das conversas.

Aqueles que conheceram o Professor Schemberg sabem que ele devaneava. Ele era professor de mecânica racional – assim se chamava na época – e ele nos assustava. Porque o Professor Salla, o Professor Gol-demberg, o Professor Damy estavam fazendo aqui, na Cidade Universitária, um laboratório para lidar com o átomo. E nós não sabíamos nada, nem de átomo, nem de laboratório, nem de nada. E o Professor

Schemberg tinha umas teorias um pouco catastrofistas sobre o que iria acontecer com aqueles laboratórios.

Naquele tempo, eu era membro da Congregação da Faculdade de Filosofia, como representante de alguma categoria de jovens professores, não me lembro de qual, e participava de debates com uma paixão imensa, porque nós estávamos convencidos de que ia haver uma explosão no reator atômico.

Não houve explosão nenhuma. Isso foi avançando. Eu fui, cada vez mais, ficando admirador da capacidade de desenvolvimento dos nossos cientistas. E hoje, ao percorrer este Síncrotron com o professor Cylon Gonçalves, perguntava a ele uma outra coisa, meio timidamente, e me admirava ver que tudo isso foi feito pela imaginação, pelo trabalho, pelo esforço da nossa gente. É um produto nacional, de alto desenvolvimento tecnológico. Então, a minha admiração é pelos cientistas brasileiros, que estão aqui representados, neste momento, pela figura do professor Cylon Gonçalves.

Mas isso expressa o conjunto daqueles que trabalharam: os cientistas, os tecnólogos, os ajudantes, os auxiliares. E, agora, o Ministro Vargas mencionou o fato de que nós conseguimos equiparar as carreiras. Não vou me esquecer dos técnicos que são parte absolutamente indispensável desse processo de criação do desenvolvimento científico. A ciência é um ato coletivo, não é apenas a liderança indispensável, sem dúvida, daqueles que dão o caminho, mas ela depende de uma interação social muito profunda, depende de um apoio constante às atividades científicas.

Ao ver esse Síncrotron, ao ver o avanço que aqui foi feito, ao ver também que isso aqui é um centro de vanguarda, hoje, do Mercosul, pois 10% dos pesquisadores daqui vêm da Argentina, e virão de outros países, é um laboratório aberto; ao ver tudo isso, lembro-me de que, há muito anos, também em companhia de um amigo nosso, que foi professor aqui, eu visitei o laboratório de Saclé na França. Fui ver o que acontecia, também, num acelerador de partículas, que vi também que era circular. Mais tarde, eu fui professor em Stanford e me admirava pelo acelerador linear que havia lá, que tinha seis ou quatro

quilômetros de extensão, e eu nunca pude imaginar que, um dia, pudesse estar, aqui, assistindo à inauguração de um acelerador de partículas brasileiro, feito por nós, com gente nossa e aberto para o mundo, que é o importante no espírito científico, que é o espírito de cooperação e de abertura.

Mais ainda: assinei um ato que transforma esse laboratório no que o Ministro Bresser chama de organização social. Ele sabe que sempre impliquei com esse nome, porque em Sociologia isso não está certo, quer dizer outra coisa. Mas o que vale é a realidade. Hoje, nós chamamos de organização social aquelas entidades do serviço público que têm uma capacidade de autonomia maior, uma gestão própria maior e que dão, portanto, mais independência às decisões. Junta-se, portanto, um fato importantíssimo, que é a concretização desse laboratório com o ato. E isso, realmente, devemos à persistência do Professor Cylon que, durante esses anos todos, lutou e conseguiu, com o apoio de muitos já aqui mencionados e junta a isso a outra persistência, que é a de dotar as nossas organizações públicas de um dinamismo maior na capacidade de elas se adaptarem aos tempos modernos e de não serem sufocadas pelas burocracias, pelas legislações que, muitas vezes, com o melhor dos propósitos, estiolam a criatividade, a iniciativa, sem as quais certamente não pode haver progresso científico.

Por todas essas razões, termino dizendo da minha imensa admiração e é justo dizer também que o Professor Vargas, que agora é mais velho que eu, continua sendo o mesmo sábio de sempre, persistente, teimosíssimo, que me pede verbas o dia inteiro e consegue fazer avançar, paulatinamente, como nós temos avançado, e dando seqüência ao trabalho de outros.

Termino, ao manifestar a admiração por essa persistência na área de ciência e tecnologia, não deixando de mencionar o nome de dois queridos amigos, que já foram aqui mencionados, que são Renato Archer que, muito merecidamente, tem o seu nome aqui inscrito nesse laboratório, e o de Jacques Danon, antigo companheiro com quem fiz uma longa viagem pelo México uma vez, numa zona hoje um pouquinho conflagrada: de Chiapas.

E, naquela época, estávamos ao lado de um astrônomo mexicano e, também, eu sempre admirado, estupefato com tanta sabedoria, não conseguia captar nem sequer os sinais dela. Mas, certamente, ao mencionar o nome do Renato Archer e o de Jacques Danon, o Presidente da República não faz mais que agradecer a esses grandes brasileiros que sintetizam o que há de melhor no Brasil e são, portanto, dignos de serem continuados pelos senhores que aqui estão e que vão trabalhar neste laboratório. Espero que não só as descobertas científicas e tecnológicas avancem, mas também que o bem-estar dos senhores possa ser contemplado pelas políticas de governo e que as borrascas pelas quais eventualmente se passa não nos deixem marcas profundas. E que nós possamos, com a confiança de sempre, com a mesma confiança da qual resultou este laboratório, resulte também, não o laboratório, mas um grande país que é o nosso Brasil.

Muito obrigado.